



Rede de Radialistas: Articulação de Tecnologias da Comunicação para a Troca de Informações no Semi-Árido¹

Tarciana de Queiroz Mendes CAMPOS²
ONG Catavento Comunicação e Educação, Fortaleza, Ceará

Resumo

O trabalho apresenta as ações da fase atual do projeto “Bom Conselho – Comunicação no fortalecimento dos conselhos da infância”, desenvolvido na ONG Catavento Comunicação e Educação. As atividades do projeto apresentadas são as produções dos programas radiofônicos “Sintonia Infância” e a articulação da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância. Para isso, aborda a articulação entre as tecnologias rádio e Internet para a troca de informações sobre crianças e adolescentes, apresenta a rotina de produção do “Sintonia Infância” e como essa produção se dá em parceria com uma rede composta por mais de 200 radialistas de diversas localidades do Semi-árido. O trabalho apresenta ainda alguns resultados conseguidos com o desenvolvimento das atividades junto a radialistas participantes da Rede.

Palavras-chave: Internet; Rádio; Rede; Infância; Semi-árido

Introdução

Segundo dados do IBGE (2007), 91,4% dos domicílios brasileiros possuem televisão, enquanto 88% possuem rádio. Pela primeira vez na história da pesquisa, o número de televisores ultrapassou o de rádios. De fato, juntamente com os aparelhos de rádio, as antenas parabólicas são uma constante na paisagem das cidades.

No entanto, ainda merecem destaque reflexões sobre o rádio por conta das possibilidades de produção local que o meio oferece. Enquanto as antenas para a recepção de programas dominam a paisagem, – no caso do Ceará, geralmente as produções partem de São Paulo, Rio de Janeiro ou Fortaleza – menos freqüente é o número de emissoras de televisão (centrais de produção) localizadas nos municípios. Com isso, o rádio passa a ser uma importante ferramenta para a troca das informações locais, para o estabelecimento da comunicação entre comunidades que não contam com a televisão para falar sobre a realidade local.

Mas com que práticas de produção os radialistas estão trabalhando nos dias atuais? Se compararmos um grupo de radialistas de cidades do interior cearense, poderemos constatar - por meio de depoimentos e visitas aos locais de trabalho dos

¹ Trabalho apresentado na Sessão Cibercultura e tecnologias da comunicação, da Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará e jornalista da ONG Catavento Comunicação e Educação.



radialistas - que, enquanto alguns podem contar para a produção radiofônica com conexão 24 horas à Internet, outros produzem para o rádio utilizando sistemas de som interligados a radiadoras nos postes.

As diferentes realidades podem ser mais evidenciadas no presente estudo por meio dos resultados de pesquisa realizada pela ONG Catavento Comunicação e Educação, em setembro de 2007, como atividade do projeto “Bom Conselho – Comunicação no fortalecimento dos conselhos da infância”. Os resultados revelam que de um total de 294 radialistas do semi-árido do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, 49% declararam não ter acesso à Internet.

Formada em 2002, a Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância articula uma diversidade de radialistas, cada um com uma forma específica de produção, que muito depende do contexto em que estão inseridos. Naquela época, a Rede tinha o objetivo de interligar 30 radialistas do semi-árido, comprometidos na troca de informações sobre a infância, utilizando como uma das ferramentas o programa radiofônico “Conversa em família”, produzido em parceria com a Rede, gravado e editado pela ONG Catavento. Uma mesa de som conectada ao telefone da Catavento permitia a gravação e edição das matérias enviadas pelos radialistas. A cópia de cds com os programas editados tornou-se possível por meio de gravadoras que passaram a ser cada vez mais comuns nos computadores pessoais (PCs). A distribuição dos programas para toda a Rede era feita pelos Correios.

A partir de 2007, com a Internet, a articulação amplia-se para três estados – Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte e envolve 247 radialistas. O nome do programa radiofônico produzido passa a ser “Sintonia Infância”. As reuniões de pauta passam a ser por meio de bate-papos na Internet, a comunicação por email cresce. Os programas passam a ser disponibilizados no *site* da ONG Catavento. Porém, se o acesso à Internet fosse considerado como algo presente em todas as emissoras ou em todos os municípios do semi-árido, a Rede teria de excluir muitos dos radialistas participantes desde 2002, por eles não terem acesso ao recurso.

Aliás, retomamos neste ponto um outro dado da pesquisa do IBGE em 2007, segundo a qual apenas 13,7% dos domicílios brasileiros possuem microcomputadores com acesso à Internet. Esse dado, aliado às informações obtidas pela ONG Catavento por meio de questionários, mostraram que a Rede de Radialistas precisava articular Internet e rádio, manter a realização de entrevistas e gravações de matérias com os



radialistas por telefone e continuar enviando os programas por correio, além da atual disponibilização no *site* da ONG.

Diante desse contexto, este trabalho traz a proposta de analisar as atividades desenvolvidas pelo projeto “Bom Conselho” durante os anos de 2007 e 2008. Como estratégia para análise vai se utilizar da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância para realizar o enfoque da pesquisa na rotina de produção do “Sintonia Infância” através da interligação entre as mídias rádio e Internet. Em decorrência, limitamos a problemática aqui proposta na verificação de que medida os radialistas do semi-árido contam com acesso à Internet e se o acesso modifica o processo de produção da informação pelo rádio.

Por que o estudo sobre a Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância?

O estudo sobre a Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância possibilita uma análise das mediações e práticas de diferentes radialistas em diversas localidades do semi-árido com relação à produção radiofônica no contexto atual. A análise pode detalhar a reflexão sobre o acesso dos radialistas à Internet, vista, muitas vezes, de forma equivocada, como “acessível a todos”. Em contato com os radialistas do semi-árido, podemos constatar conforme observa Barbero, o quanto os lugares são marcados por “um tempo atravessado pelo descompasso da diferença e da descontinuidade cultural” (BARBERO, 2003, p.224).

Porém, mesmo diante do descompasso entre as regiões, a articulação via rádio e Internet possibilita o funcionamento de uma rede, que tem como objetivo específico trocar pautas sobre crianças e adolescentes. Afinal, como afirma Scherer-Warren, “as redes se caracterizam como fontes de pressão sobretudo no campo cultural e no campo político” (SHERER-WARREN, 1993, p.122).

Ao adotar como temática a Internet, a pesquisa abre-se para possibilidades de reflexão sobre um tema em destaque nos debates e estudos atuais. Segundo Jung, a Internet provoca uma relação cada vez mais estreita entre as mídias, pois “na convergência as mídias não desaparecem, somam-se e impõem desafios” (JUNG, 2004, p. 69). Analisar como essa convergência entre as mídias é sentida entre os radialistas no semi-árido é uma possibilidade da pesquisa.

Dessa possibilidade de discussão é que identificamos a relevância teórica do trabalho. Como afirma Berger (2001), a “reunião da tecnologia com o consumo, e destas com a política e cultura, inscrevem-se entre os temas atuais que exemplificam a



continuidade das preocupações que fundaram o campo [de pesquisas em comunicação]” (BERGER, 2001, p. 271).

Constatamos também que o estudo da relação entre radialistas e infância apresenta relevância social. Segundo o relatório “Situação Mundial da Infância - Caderno Brasil” (2008), elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), juntamente com o trabalho desenvolvido pelos Agentes Comunitários de Saúde, a atuação dos radialistas da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância constitui uma das práticas que trazem impactos para a infância no Ceará. A presente pesquisa possibilita a verificação de como a Comunicação está imbricada nesse processo de mudanças. Como afirma Warren, mudanças que podem ocorrer “também a partir de pequenas brechas, rupturas, microrevoluções no cotidiano e de suas possibilidades de penetração na sociedade envolvente” (SHERER-WARREN, 1993, p. 76).

Referencial teórico

Kaplún (1978) descreve o rádio como um meio de comunicação estreitamente imbricado na cultura dos países latino-americanos. Os baixos custos do meio, bem como a não necessidade da leitura e escrita para a recepção, permitem o acesso das mais longínquas comunidades - e, aqui, entenda-se acesso facilitado tanto para a recepção, quanto para a produção de programas radiofônicos. É Downing quem traz uma reflexão sobre as questões de custos, concluindo que para o público não ser “excluído da comunicação via mídia (...) os formatos de baixo custo tornam-se ainda mais cruciais para a cultura e os processos democráticos” (DOWNING, 2002, p. 91).

Downing, ao refletir sobre as noções de diálogo estudadas pelo educador Paulo Freire, registra também algumas idéias sobre a relação entre produtores e audiências. Segundo Downing, “a pedagogia de Freire (...) propõe a democracia do processo de comunicação, mais uma vez reconhecendo a audiência como co-arquiteta na produção da mídia” (DOWNING, 2002, p.83).

Em algumas cidades do semi-árido o rádio ainda parece ser um importante meio para abrir possibilidades de romper isolamentos. Como ressalta Rodrigues citado por Matos, “no mesmo momento em que suprime o contato direto, o rádio carrega consigo um outro distante” (MATOS, 2004, p. 70). Podemos ainda ir mais além acompanhando Nunes ao afirmar que “no rádio, o caráter espetacular, que sensibiliza o ouvinte, ao invés de esvaziar o conteúdo transmitido, ajuda a aprofundar a reflexão sobre determinados temas de interesse coletivo” (NUNES, 2004, p.126). Associar essas



possibilidades com o conceito que Downing traz de “audiências mais ativas, que produzem, bem como recebem, o conteúdo da mídia” (DOWNING, 2002, p.85), faz com que o rádio seja uma ferramenta com grande potencial para a troca de informações nas comunidades – não apenas receptoras de “comunicados”, mas também emissoras de informações e saberes, muitas vezes adquiridos pela prática cultural.

De fato, nos municípios do semi-árido cearense, a presença do rádio é facilmente verificada, seja na forma de emissoras comerciais ou comunitárias, com equipamentos modernos ou com o essencial para emitir as ondas sonoras, com acesso à Internet ou não, com espaço garantido na frequência do *dial* ou com o alcance mais reduzido das radiadoras penduradas em postes.

No entanto, parece uma tarefa difícil considerar, nos atuais estudos em Comunicação, os meios de forma isolada, sem interação entre si. As reflexões de Barbero(2003) corroboram essa interação por situar os meios num processo de transformação cultural, “as mediações”. É ainda possível identificar o quanto as “mediações” estão longe de uma homogeneização. As “novas” e “velhas” tecnologias, o próximo e o distante, o particular e o universal parecem estar sempre relacionados no que se refere à Comunicação. Aliás, conforme Barbero:

(...) é da tecnologia, em sua *logo-tecnia*, que provém um dos mais poderosos e profundos impulsos para a homogeneização da vida, e é a partir da diferença, da pluralidade cultural, que tal processo está sendo desmascarado, ao ser trazido à luz dos *descompassos* que constituem a vida cultural da América Latina (BARBERO, 2003, p. 268)

Assim é que uma rádio incrivelmente modernizada com computadores de última geração conectados à Internet existe ao mesmo tempo em que em outra cidade a produção do radialista pode se limitar ao uso de alto-falantes. Porém, que transformações socioculturais ocorrem nas práticas dos comunicadores diante das mudanças tecnológicas? Mesmo para o radialista que trabalha cotidianamente no sistema de som da radiadora, a Internet traz influências? Para Barbero, a revolução tecnológica traz conseqüências “tanto sobre el sentido y el alcance de lo que entendemos por comunicar como (...) en las relaciones de unos medios con otros” (BARBERO, 2002, p. 68).

É exatamente a diversidade entre os participantes da Rede de radialistas que torna seu estudo mais rico. Para Scherer-Warren, as redes de movimentos sociais constroem-se na “intercomunicação das diversidades” (SHERER-WARREN, 1993,



p.23) e surgem com mais intensidade na década de 80, amplas e como formas de pressão e resistência (SHERER-WARREN, 1993, p. 116).

Segundo Peruzzo (1998), é também nos anos 80 que se inicia uma produção científica preocupada em relacionar a comunicação com os movimentos sociais. Para a autora, apesar de a comunicação popular não ser um fenômeno recente, é só nos anos setenta e oitenta que apareceria de forma mais significativa na produção científica do campo da Comunicação Social. Peruzzo completa que a “nova comunicação” representou um grito, antes sufocado, de denúncia e reivindicação por transformações, exteriorizado, sobretudo, em pequenos jornais, boletins, alto-falantes, teatro etc.

Nos dias atuais, poderia-se acrescentar também a Internet, de forma que já observamos a contribuição de alguns estudos no campo da Comunicação Social, os quais vêm tentando analisar que impactos a Internet traz para a sociedade atual, bem como as possibilidades – e impossibilidades – que o meio traz para os movimentos sociais.

Além disso, os processos impulsionados pela globalização econômica e tecnológica trazem a Internet como um novo elemento a exercer grande influência nos meios impressos, televisivos e radiofônicos. Em pesquisa sobre o rádio, Jung considera que os impactos da Internet são tão fortes que o rádio continuará existindo, mas com outro formato (JUNG, 2004, p. 72). Apesar de pensar o futuro do rádio de uma maneira tão interligada à Internet, em páginas posteriores do mesmo estudo, Jung pondera que

a desigualdade (...) entre os que sentam no chão de terra batida para assistir às aulas da única professora da cidade e os que debatem os principais temas internacionais em teleconferências (...) é a mesma que separa o ouvinte que põe a pilha na geladeira para conservar a energia que faz funcionar seu radinho até o fim da noite e aquele conectado à Internet em canais de alta velocidade (JUNG, 2004, p. 73).

Seriam as mudanças provocadas pela Internet na sociedade contemporânea tão fortes, a ponto de, como Jung afirma, o formato do rádio se alterar? Em que medida as alterações já ocorrem?

Entre os exemplos de Jung, a referência a um lado da moeda no que diz respeito às diferentes formas de um ouvinte ter acesso ao rádio nos dias atuais: enquanto uns usam os radinhos à pilha, outros têm acesso a emissoras que veiculam a programação *online* na Internet ou mesmo emissoras que só existem na Internet, as



rádios *Web*. Mas, e o verso da moeda? O lado da produção radiofônica? De que forma a produção também passa a ser influenciada pela Internet?

É Berger (2001), ao citar Barbero, que traz a necessidade de se pensar novos territórios e atores, contradições e conflitos nos atuais estudos em Comunicação e, mesmo nas Ciências Sociais, diante dos processos impulsionados pela tecnologia:

Os deslocamentos com que se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virá da experiência dos movimentos sociais e da reflexão que propiciam os estudos culturais (...) A idéia da informação, associada à inovação tecnológica, ganha legitimidade científica e operacionalidade enquanto a de comunicação se desloca e se aloja em campos distantes: a filosofia, a hermenêutica. (...) Abre-se caminho então à consciência crescente do estatuto transdisciplinar do estudo da comunicação (...) e sua gravitação cada dia mais forte sobre os movimentos de desterritorialização e hibridações que a modernidade latina produz (BERGER, 2001, p. 270-271).

O atual funcionamento da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância

Se for estabelecida uma comparação entre os anos de 2002 e de 2007, com relação ao funcionamento da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância, será verificado um aumento no número de radialistas envolvidos e regiões alcançadas. Em 2002, a Rede era formada por 30 radialistas do Estado do Ceará. A produção do programa radiofônico, denominado na época de “Conversa em família”, envolvia os 30 radialistas, por meio de ligações telefônicas para a transmissão de matérias/informações que abordassem as competências familiares e municipais nos cuidados de crianças de 0 a 6 anos. As notícias apuradas pelos radialistas eram gravadas pelo telefone.

As etapas seguintes da produção consistiam na elaboração de roteiros na sede da ONG Catavento com temas específicos sobre a infância, incorporação nos roteiros das notícias enviadas pelos radialistas, gravação, edição, cópias de 30 cds, por meio de computadores com gravadoras, e envio por correio para cada emissora integrante da Rede.

Em 2007, a associação entre Internet e rádio torna-se fundamental para a ampliação da Rede, o que traz como consequência um aumento da amplitude da troca de pautas sobre a infância. A estrutura da Rede passa a alcançar Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte.



A ampliação também se dá nos temas dos programas, de modo que o objetivo da Rede continua a ser a troca de informações sobre a infância, mas não só referente às crianças de 0 a 6 anos. A articulação da Rede de forma mais ampla se dá com a troca de pautas sobre os conselhos da infância – Conselhos dos Direitos (responsáveis por formular políticas públicas na área) e Conselhos Tutelares (responsáveis por receber denúncias de casos de crianças ou adolescentes que tiveram os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente violados) – troca de sugestões de matérias sobre adolescentes ou feitas por adolescentes e troca de informações sobre práticas bem sucedidas nas áreas da criança e do adolescente, como saúde, educação e cultura.

Para iniciar a nova fase do projeto, agora denominado de “Bom Conselho: Comunicação no fortalecimento dos conselhos da infância”, oficinas de mobilização foram realizadas nos três estados. Após discussões sobre a situação da infância e o papel da Comunicação para a transformação social, os radialistas foram convidados a participar da Rede. Aqueles que já a integravam, foram convidados a reafirmar o interesse de participação e o compromisso em levar as pautas de interesse público referentes a crianças e adolescentes para a grade de programação das emissoras.

Os cadastros nos três estados foi de 294 radialistas. Os dados cadastrais foram tabulados e mostraram que entre emissoras comerciais e comunitárias cadastradas 49% não possuem acesso à Internet.

Com base nos dados da pesquisa, iniciou-se a rotina de produção do programa Sintonia Infância. O programa passou a ser efetivamente distribuído para 247 radialistas. A redução do número deveu-se ao fato de que alguns contatos preenchidos na ficha cadastral não incluíam o endereço completo para entrega dos programas nem indicavam contato telefônico correto.

Os radialistas que declararam ter acesso à Internet tiveram seus emails incluídos em uma lista de discussão por email, criada para trocar informações sobre o andamento das produções e atividades do projeto “Bom conselho”, entre as quais a de mais destaque é a produção do programa radiofônico “Sintonia Infância”. Houve a criação de email especial na conta Hotmail para que os radialistas da Rede pudessem incluir no bate-papo MSN. Por meio da lista de discussão, foi realizada pesquisa sobre os horários mais adequados para a realização de reuniões de pauta via MSN. Conforme as sugestões, foram escolhidos os horários de 8 horas da manhã e 2 da tarde, às segundas-feiras.



Com a realização das reuniões, percebeu-se que o número de participantes variava de um a quatro. Também foi percebida uma rotatividade entre os participantes a cada segunda. Durante as reuniões, foram discutidos os objetivos do programa Sintonia Infância, a importância da abordagem de pautas sobre crianças e adolescentes e formas de abordagem durante as produções radiofônicas.

Inevitavelmente as discussões abordaram a rotina dos jornalistas e radialistas no semi-árido, de forma que alguns temas de destaque foram a relação/conflito entre as funções de jornalista e assessor. Percebeu-se que alguns radialistas também exercem funções na assessoria de imprensa da prefeitura da cidade, de modo que alguns textos e notícias recebidos para a composição do Sintonia Infância chegavam com um perfil de texto de assessoria do tipo que faz elogios a determinada ação da prefeitura e sem uma apuração de outras fontes ou versões. Esse tipo de texto e de postura foram discutidos nas reuniões de pauta e via emails.

Outro destaque deu-se com as técnicas de entrevista, uma vez que alguns radialistas relataram ter dificuldades para abordar as fontes. Durante a reunião no MSN, os radialistas participantes passaram a relatar as suas técnicas específicas e o que faziam diante da dificuldade de conseguirem informações de uma determinada fonte, como alegar o direito público à informação. Nas palavras de alguns dos radialistas, evidenciava-se o primeiro artigo do Código de Ética dos Jornalistas: “O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação” (FENAJ, 2007, p.03).

Todas as pautas sugeridas nas reuniões via MSN pelos radialistas resultaram em temas de programas. No programa com a temática Semi-árido, o radialista Edson de Sousa, de Independência, colaborou com a reportagem sobre a Escola de Família Agrícola Dom Fragoso, uma escola que tem como metodologia a pedagogia da alternância, em que os estudantes alternam dias na escola e dias em casa, no meio rural, onde vivem. Outros temas foram relação entre pais e filhos(as), com matéria produzida por Francisco Augusto Queiroz, de Almino Afonso, no Rio Grande do Norte; esporte e lazer, com matéria de Francisco Evanildo, de São Miguel do Tapuí, no Piauí; meio ambiente e semi-árido, com colaboração de Nonato Dias, de Morada Nova, no Ceará; adoção, com reportagem de Genilson Rodrigues, de Monsenhor Hipólito, no Piauí; participação política, com matéria de Antônio Barbosa Oliveira, de Sobral, no Ceará;



festas juninas, com notícia enviada pelo radialista Francisco Isac da Silva, de Jaguaribara, no Ceará.

Outra possibilidade da troca de pautas entre os radialistas foi a inserção de produções realizadas por crianças e adolescentes nas emissoras das cidades. Foi o caso da produção enviada pelo radialista Antônio Taumaturgo de Sousa, de Missão Velha, no Ceará, com produções de meninos e meninas sobre meio ambiente; e o caso da temática inclusão digital, com matéria produzida pela adolescente Ana Sâmula, enviada pela radialista Márcia Roseane, de Caicó, no Rio Grande do Norte.

Uma das pautas de maior repercussão entre os radialistas da Rede e surgida em uma das reuniões de pauta via MSN foi o tema dengue. A produção do programa sobre a temática rendeu duas matérias no programa de rádio e uma série de informações chegadas dos municípios via email. Também foi enviado um episódio de rádio-teatro que foi transformado em *spot* para a veiculação durante a programação nas emissoras. A abordagem do tema dengue chamou atenção para a questão ambiental envolvida na “epidemia”, de forma que as matérias produzidas pelos radialistas envolveram crianças e adolescentes na apuração das notícias, ouvindo as ações do Corpo de Bombeiros e do Poder Público; como a comunidade contribui para o combate à doença; a importância da preservação do meio ambiente para o combate à dengue e campanhas realizadas nas escolas com a atuação dos(das) estudantes.

Estabelecida a parceria com as fontes e radialistas das cidades integrantes da Rede, a etapa de elaboração de roteiros, gravação e edição do programa continua, marcando uma rotina semanal de produção. E para manter a integração entre os 49% dos participantes que não contam com acesso à Internet, as cópias dos CDs passaram a ser realizadas em empresa específica para a reprodução e enviada por correio aos radialistas integrantes. Desta forma, aqueles que não podem estabelecer contato via Internet contatam-se por telefone ou cartas com a produção do programa na sede da ONG Catavento, em Fortaleza.

A atuação do projeto “Bom conselho” com a produção do programa “Sintonia Infância” em 2007 e 2008 destacou-se pela troca de informações enviadas por radialistas diretamente das suas realidades locais sobre diversas questões que envolvem a infância. Os programas ouviram também especialistas sobre cada temática dos programas para esclarecer dúvidas e diversificar opiniões, trazendo uma contribuição fundamental para o objetivo do projeto: Possibilitar que a troca de informações fortaleça



a atuação dos profissionais envolvidos na área da infância, entre os quais estão os conselheiros e conselheiras da infância, responsáveis pela Política Pública e por atender os casos de violação de direitos..

Avaliação da Rede de Radialistas por um integrante

Em entrevista via MSN, o radialista e conselheiro tutelar, Evanildo Oliveira, de São Miguel do Tapuio, no Piauí, deu sua opinião sobre a fase atual do projeto “Bom conselho” e dos programas “Sintonia Infância”. O radialista conta com acesso à Internet via rádio em casa e no trabalho. Segue abaixo um trecho da entrevista:

- Evanildo, de forma bem prática no rádio, no cotidiano da rádio, como você utiliza a Internet?

- Faço uma adaptação antes claro, vejo se faz sentido e se confirmado coloco as notícias que vi na Internet no ar. Eu busco outros sites e se for notícia local eu vou apurar com entrevistas, perguntas aos populares.

- Evanildo, você vê alguma importância nas reuniões no MSN que temos nas segundas sobre os programas “Sintonia Infância”?

- Muita importância, pelo fato que as pautas dos programas somos nós que escolhemos e os assuntos que nos parecem importantes e até mesmo oportunos para o momento que vivenciamos na nossa comunidade. E isso nos aproxima dos problemas enfrentados por nossas crianças e adolescentes. Assunto importante é assunto do cotidiano.

- Evanildo, você faz parte da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância, que nós articulamos e juntos fazemos funcionar. Você se vê como integrante de uma rede? Participar dessa Rede muda algo em sua vida?

- Com certeza, sou parte integrante dessa rede e isso aumentou ainda mais a minha responsabilidade de conselheiro e comunicador. Nós temos o dever moral de melhorar a qualidade de vida de nossas crianças e adolescentes.

- Como você acha que os programas “Sintonia infância” contribuem pra isso?

- Com as informações que são inseridas no programa.

Os avanços, desafios e possibilidades de uma Rede da Infância

Ao se discutir temáticas voltadas para as crianças e adolescentes, um primeiro desafio que se coloca é a apropriação da discussão pelas próprias crianças e adolescentes. Os meninos e meninas sabem o que é o Estatuto da Criança e do Adolescente? Entendem as temáticas abordadas em programas como o “Sintonia



Infância”? No caso da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância, a maioria dos integrantes são radialistas e adultos.

Porém, um avanço conseguido está no fato de que, embora a Rede seja composta por uma minoria de crianças e adolescentes, que fazem parte de rádio-escolas (de acordo com a sistematização dos 294 cadastros de adesão à Rede, 4% dos integrantes são estudantes e fazem parte de rádio-escolas), a participação direta de meninos e meninas com menos de 18 anos dá-se por intermédio dos radialistas da Rede, ao mediar processos de produção que não envolvam só adultos. Além disso, faz parte da produção do Sintonia Infância buscar entrevistas entre crianças e adolescentes. A possibilidade é que os próprios meninos e meninas tenham espaços de fala e expressem suas opiniões sobre os temas.

Outro desafio a ser destacado é impedir o enfraquecimento da participação dos radialistas que não contam com acesso à Internet. Isso é possível conforme os radialistas não se restrinjam à mera recepção e transmissão dos programas, garantindo também uma efetiva participação na sugestão de assuntos a serem abordados, no envio de matérias/informações sobre a realidade local, na troca de pautas com outros programas da emissora, inclusive programas policiais ou de esporte, que também podem tratar com riqueza informativa a situação da infância.

Outro problema está no descompasso entre a legislação brasileira na área da infância, registrada na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e algumas coberturas na mídia quando a pauta é criança e adolescente. Uso de termos pejorativos como “menor” ou “trombadinha”, repetidas buscas de fontes de informações limitadas à polícia, identificação de crianças e adolescentes em situações que ferem sua dignidade ou que trazem risco à vida são encontrados em alguns veículos de comunicação, mesmo diante de um processo de dinamização da troca de sugestões de abordagem mais adequadas e em conformidade com a defesa dos direitos previstos no ECA.

A tentativa da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância está em fazer com que informações locais entrem num circuito de Rede, no sentido de estar em contato com outras dimensões, lugares e pessoas. Desta forma, se algo muito ruim acontece em uma escola no Ceará, o caso poderá ter repercussão no Rio Grande do Norte, da mesma maneira, se uma experiência exitosa é desenvolvida no Piauí, poderá ser comunicada entre comunidades no Ceará e Rio Grande do Norte, para mais na frente



ser transformada em Política Pública. Isso tudo utilizando a linguagem do rádio que prima pela sensibilidade, pela imaginação e emoção do ouvinte. Aliás, dependendo da emissora, a preocupação também é, em primeiro plano, com a participação.

Este trabalho buscou levantar alguns destaques do atual funcionamento da Rede de Radialistas Amigos e Amigas da Infância em funcionamento entre emissoras de rádio do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. A busca deste trabalho foi de estabelecer interligações entre a ação em rede e o cotidiano. A tentativa é de, conforme Berger, analisar o cotidiano, onde os meios ingressam detendo um lugar, forma que possibilita à pesquisa torna-se independente do estudo dos meios para compreender a vida cotidiana (BERGER, 2001, p. 267).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, José Arimatea Barros et al (Org). Saberes populares e práticas educativas. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

DOWNING, John D. H. Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de ética dos jornalistas brasileiros. Espírito Santo: Fenaj, 2007.

JUNG, Milton. Jornalismo de rádio. São Paulo: Contexto, 2004.

KAPLÚN, Mario. Producción de programas de radio: el guión – la realización, 1978.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

_____. La educación desde la comunicación. Buenos Aires: Norma, 2002.

PERUZZO, Cicilia Maria K. A Comunicação nos Movimentos Populares: Participação na Construção da Cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

SHERER-WARREN, Ilse. Redes de movimentos sociais. São Paulo: Edições Loyola, 1993.